



Mídia e Etnocentrismo: abordagem do Movimento de Resistência Islâmica (Hamas) pelo Jornal da Record

Saulo José Leite¹

Nivaldo Pereira²

Resumo

A cobertura dos conflitos do Oriente Médio pela imprensa brasileira é, muitas vezes, retratada pelo viés do terrorismo. Os telejornais não economizam no uso das imagens de ataques, bombardeios e explosões; e tampouco relativizam e contextualizam o discurso jornalístico a respeito das diferenças históricas, sociais, políticas e culturais do Oriente. Diante disso, o reducionismo acerca dos assuntos orientais tem alimentado o conhecimento e a opinião de grande parte dos telespectadores. Para investigar este comportamento da mídia, o presente artigo analisa o modo com que o Jornal da Record aborda o Movimento de Resistência Islâmica (Hamas) na série de reportagens Terror em Gaza e se propõe a examinar as causas e consequências desse contexto.

Palavras-chave: *Crítica de Mídia; Hamas; Orientalismo; Etnocentrismo.*

Introdução

Informar com imparcialidade é um dos princípios do jornalismo. No campo teórico, este conceito tem interessado, ao longo de décadas, estudiosos, pesquisadores e comunicadores. Porém, a busca pela verdade dos fatos parece ser impossível e utópica; especialmente quando consideramos o inevitável comprometimento ideológico, decorrente da causa de que:

¹Estudante de graduação do 7º período do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Faculdade da Serra Gaúcha (FSG), e-mail: saulo_jornalismo@hotmail.com

²Orientador do trabalho, graduado em Jornalismo e mestre em Letras, Cultura e Regionalidade, pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), e-mail: nivaldope@uol.com.br

O jornalismo, via de regra, atua junto com grandes forças econômicas e sociais: um conglomerado jornalístico raramente fala sozinho. Ele é ao mesmo tempo a voz de outros conglomerados econômicos ou grupos políticos que querem dar às suas opiniões subjetivas e particularistas o foro de objetividade (MARCONDES FILHO, 2009, p. 75).

A atividade jornalística pode ser influenciada por diversos fatores de origem política, econômica e ideológica. O ato de noticiar, de reproduzir informações e representar a realidade através do jornalismo, pode estar sujeito a interesses de pequenos e poucos grupos sociopolíticos. Isto, talvez, interfira no resultado final do processo de comunicação e na própria qualidade da informação.

Ao compreendermos que o jornalismo não está livre de intervenções, torna-se pertinente observar de que forma um determinado veículo de comunicação, que pertence a uma formação ideológica, e até mesmo religiosa, aborda um tema gerado em outro contexto. Sendo assim, o atual trabalho consiste em analisar o modo com que o Jornal da Record retrata o Movimento de Resistência Islâmica, o Hamas, na série de reportagens Terror em Gaza, exibida entre os dias 11 e 15 de agosto de 2014.

A série de cinco reportagens para televisão, produzida por Michel Gawendo e pelo repórter Herbert Viana, foi ao ar na época em que se estabelecia uma nova trégua de 72 horas entre Israel e o Hamas; um suposto fim do conflito que surge em torno de um mês após Israel lançar a Operação Limite Protetor contra o próprio Hamas. Este é um grupo político e religioso que governa a Faixa de Gaza, desde 2006, quando venceu as eleições democráticas da Palestina.

O Jornal da Record (JR) fez sua estreia em 1972. Apresentado atualmente pelos jornalistas Celso Freitas e Adriana Araújo, o JR cobre acontecimentos do Brasil e do mundo. Considerado o principal programa jornalístico da Rede Record, o telejornal é exibido, de segunda a sexta, às 20h40min, e aos sábados, a partir das 19h45min.

No Brasil, a Rede Record é a emissora de televisão aberta mais antiga em atividade. Fundada em 1953, consolidou-se, ao longo dos anos como a segunda maior rede de TV do país, tanto em faturamento quanto em audiência. No final dos anos 1980, a emissora foi vendida para o empresário evangélico e fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, Edir Macedo. Hoje, o amplo cenário midiático da Universal conta, ainda, com a Rede Aleluia, que inclui emissoras de rádio, o jornal impresso Folha Universal e o portal universal.org, na internet.

Percebendo a possível inclinação religiosa da emissora, o artigo tem o propósito central de verificar como o telejornal em estudo se relaciona com o contexto histórico, político, social, religioso e cultural em que o Hamas está inserido. Além disso, mostra-se pertinente observar a existência ou não de embates religiosos, até mesmo para contestar o uso frequente do termo “jornalismo verdade” pelos apresentadores do Jornal da Record.

A escolha pelo tema do artigo é resultado não somente dos prováveis problemas de parcialidade na série de reportagens, como também do interesse particular em investigar as implicações que envolvem o superficialismo na mídia em torno dos assuntos orientais, especialmente em relação aos conflitos na Faixa de Gaza.

Neste estudo, não serão pesquisados temas apenas das áreas de Comunicação e Mídia. Também será necessário o apoio teórico de outras ciências, como a Antropologia, a História e a Sociologia. O método utilizado no processo de pesquisa e na elaboração do artigo consiste em decupar reportagens, desenvolver pesquisas bibliográficas e consultar documentários.

Com isso, busca-se identificar a forma com que o grupo em questão relaciona-se ao conflito de Gaza, perceber qual é a realidade que a série constrói em torno do Movimento, e considerar, pelo viés antropológico, a existência de supostas interpretações etnocêntricas direcionadas ao conteúdo das reportagens. Em caso de etnocentrismo, verificar se as informações contribuem para que o telespectador seja induzido a tomar postura semelhante ao do jornal e/ou preconceituosa em relação aos assuntos reportados.

Consequentemente, surge a necessidade de traçar um paralelo entre o material analisado e a possível compreensão ou interpretação do telespectador, chegando precisamente na resposta para a questão que irá guiar este artigo: a forma com que o Jornal da Record expõe, ilustra e categoriza o Hamas na série Terror em Gaza compromete o resultado da informação a ponto de influenciar na opinião do telespectador?

Jornalismo, televisão e notícia

Diariamente, o jornalismo informa as pessoas sobre os fatos mais importantes. Essa prática bastante comum no cenário de produção de informação local, nacional e internacional tem sido a premissa da atividade jornalística. Porém, os critérios que determinam a relevância das informações são desconhecidos de grande parte do público.

Pouco se sabe a respeito das variáveis que constituem o ofício e, principalmente, sobre o processo de seleção das notícias.

Contudo, essa realidade é ainda mais complexa quando o processo de comunicação, inserido numa organização econômica, política e ideológica, passa despercebido pelos leitores e telespectadores, inclusive por jornalistas que não compreendem o verdadeiro papel das empresas de comunicação na construção da notícia. No que diz respeito à seleção de notícias, esta é uma prática que se apresenta como resultado natural do trabalho jornalístico:

Atuar no jornalismo é uma opção ideológica, ou seja, definir o que vai sair, como, com que destaque e com que favorecimento, corresponde a um ato de seleção e de exclusão. Esse processo é realizado segundo diversos critérios, que tornam o jornal um veículo de reprodução *parcial* da realidade (MARCONDES FILHO, 2009, p. 76).

As notícias recebem o tratamento que corresponde aos conceitos, crenças e ideologias do próprio veículo. Nenhuma informação deixa de ser filtrada, e isso ocorre a partir dos ideais do repórter, do editor, do apresentador e da empresa que estes profissionais representam. Desse ponto de vista, a parcialidade caminha junto com a construção da informação.

Entretanto, o telejornalismo não conta simplesmente com o método seletivo de se fazer jornalismo, mas igualmente com as características técnicas da própria televisão. Conceituada como meio de produção de informação e entretenimento, a televisão se consagra como um sistema cultural em que poucos podem participar.

O conceito de televisão não pode limitar-se às suas particularidades tecnológicas ou, eventualmente, estéticas. Televisão é um sistema informativo homólogo aos códigos da economia de mercado e acionado pelo desenvolvimento tecnológico. Os jornais, o rádio, a revista e outros meios de informação ou de entretenimento integram esse sistema com uma função de meta-censura (SODRÉ, 1984, p. 18).

Diante disso, nota-se o quanto a produção jornalística está comprometida com os recursos técnicos, econômicos e ideológicos. Com o telejornalismo, essa realidade é complexa porque é justamente nesse cenário que a captação da informação pelo telespectador é condicionada, ainda mais, pela relação tempo e espaço. Aquilo que o telespectador assiste pode ser a única chance que ele tem de ficar informado sobre os fatos.

O telejornal, portanto, não é um programa que apresenta fatos e tempo para reflexão sobre estes simultaneamente, como a leitura de um jornal pode proporcionar quando o leitor afasta os olhos da página para, olhando para o céu, pensar sobre o assunto. No telejornal, a reflexão só é possível depois da transmissão do programa (HAMILTON, 2008, p. 101).

A relação periódica, e em alguns casos superficial, que existe entre o telejornal e o telespectador impossibilita, às vezes, que o resultado final da informação seja coerente, contextualizado e aprofundado, até mesmo pelo fato de que esse mesmo telespectador não está sempre disponível para a reflexão. A ausência de argumentação em torno das informações compartilhadas pelos telejornais intensifica a ideia de verdade absoluta.

Isto, portanto, reflete no fato de que os “jornais efetivamente colaboram com a formação de opinião”. Apesar disso, “é incorreto dizer que eles somente a reforçam: em alguns sentidos e em casos muito específicos, eles exercem uma ação verdadeiramente condutora” (MARCONDES FILHO, 2009, p. 88).

No entanto, se “a informação sofre um tratamento que a adapta às normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo” (MARCONDES FILHO, 2009, p.78), de que forma o telejornalismo se relaciona com as diferenças culturais, históricas e sociais de um tema que não condiz com a formação ideológica e política do próprio veículo?

Para chegar à resposta é preciso, primeiramente, descartar a ingênua convicção de que é possível fazer jornalismo imparcial. Ao conduzir a reportagem por meio de sua própria compreensão, o jornalista já alerta para a lógica de que a notícia é um pedaço da realidade, um fato quebrado que não raramente apresenta-se como fenômeno desconexo. Nesse aspecto, “o tratamento que sofre a notícia antes de chegar ao receptor é o principal modo de se operar a chamada manipulação jornalística” (MARCONDES FILHO, 2009, p. 111).

Em geral, a imprensa proporciona uma relação de comunicação imposta, em que “de um lado, alinham-se os que escrevem e imprimem; de outro, os que consomem e tendem a se constituir numa camada cada vez mais ampla, dispersa e heterogênea” (SODRÉ, 1984, p. 15). A televisão é capaz de impor ao telespectador uma única forma de perceber a realidade. Enquanto sistema, ela pode contribuir para que o mesmo assuma apenas uma visão ou interpretação dos fatos.

A postura unilateral dos telejornais pode ser resultado da combinação entre o conjunto de práticas desenvolvidas no contexto televisivo, como as técnicas e estéticas,

com as referências de mercado, especialmente quando a importância da notícia é determinada por seu valor de venda.

A ideia de um *sistema da televisão* ou de um *sistema informativo* encontra pleno apoio na teoria econômica. Com efeito, do ponto de vista econômico, não se pode considerar os meios de informação como indústrias isoladas, mas como cadeias de atividades, na expressão do economista francês Henri Mercillon. Este visualiza uma cadeia estabelecida a partir de cada *medium*. Por exemplo, a televisão funciona em conexão com indústrias e serviços de aparelhagem, consertos, publicidade, vendas etc (SODRÉ, 1984, p. 18).

Não bastasse a televisão ser um sistema sujeito ao aspecto econômico e ideológico de uma sociedade ou grupo político, existem peculiaridades em sua produção e conteúdos para atingir um maior público, como a transformação das notícias em fatos simplificados.

A produção fragmentada de notícias, assim, é uma técnica também mercadológica. Opera-se, nesse caso, a desvinculação da notícia de seu fundo histórico-social, e, como um dado solto, independente, ela é colocada no mercado de informação; são destacados aspectos determinados (o sensacional, a aparência do valor de uso) e outros permanecem em segundo plano (MARCONDES FILHO, 2009, p. 114).

Sendo assim, o que nos importa nesse contexto é investigar o comportamento do Jornal da Record em relação ao Hamas, verificar se os princípios da profissão – como ouvir os dois lados da história e dar voz aos envolvidos – continuam sendo respeitados ou se o telejornal tem preferido “abandonar a prática da investigação” (Pacheco, 1998, p. 85). O tratamento fragmentado também nos interessa, especialmente por tratar-se de uma abordagem natural, deficiente e com relação direta ao objeto de estudo deste artigo.

0 Hamas e o Jornal da Record

Partindo do entendimento de que a objetividade é impossível, faz-se agora a análise das reportagens da série Terror em Gaza. A questão da parcialidade, discutida anteriormente, mostra que, mesmo buscando a isenção, o jornalista sempre irá influenciar o discurso imposto na reportagem, independente da visão cultural, histórica e ideológica que dele expressa.

Antes, porém, de associarmos essa inevitável parcialidade com a série de reportagens é necessário apresentar o Movimento de Resistência Islâmica. Para isso, a obra

“Hamás: Um Guia Para Iniciantes” (2008), de Khaled Hroub, serve como apoio e orientação para nossas discussões e questionamentos.

Em seu trabalho, as práticas terroristas que envolvem parte do braço militar do Hamás não são descartadas, entretanto, o autor potencializa que o movimento vai além das táticas suicidas comumente conhecidas pela imprensa ocidental. Pontua que existem terroristas na Palestina, como pode existir em qualquer outro lugar, mas isso não significa que contempla a realidade daquele território.

O Movimento de Resistência Islâmica (Hamás) é um movimento nacional de libertação da Palestina que luta pela libertação dos territórios ocupados e pelo reconhecimento dos direitos legítimos dos palestinos. Embora tenha passado a existir logo depois da eclosão da primeira *intifada* (revolta), em dezembro de 1987, como uma expressão da ira do povo palestino contra a permanência da ocupação israelense nas terras palestinas e a perseguição ao povo palestino, as raízes do Hamás se estendem muito mais profundamente na História (HROUB, 2008, p. 43).

Desde que surgiu, o Hamás quase sempre é esquecido pela imprensa ocidental quanto aos “trabalhos sociais voltados para as camadas mais desfavorecidas, mobilização religiosa e ideológica e relações públicas com outros Estados e movimentos” (HROUB, 2008, p. 8). O Hamás é “visto por muitos como uma questão complicada” e “aos olhos de muitos ocidentais, sejam oficiais ou leigos, foi sempre reduzido a um mero “grupo terrorista” cuja única função foi e tem sido, sem propósito, assassinar israelenses” (HROUB, 2008, p. 8).

A especialista em terrorismo Loretta Napoleoni, autora do livro “A Fênix Islamista: O Estado Islâmico e a Reconfiguração do Oriente Médio” (2015), defende que o Hamás está sempre disposto a enfrentar Israel, todavia, o movimento tem apresentado, ao longo dos anos, soluções de paz às autoridades israelenses, mas nem sempre é correspondido.

O grupo é responsável por muitos ataques em Israel, principalmente com homens-bomba, mas estava disposto a reconhecer a soberania de Israel como condição para participar de um governo de coalizão no início do verão de 2014. Ele concentra suas atividades na Faixa de Gaza e em umas poucas áreas na Cisjordânia. (NAPOLEONI, 2015, p. 138).

Conceituações à parte, a primeira reportagem da série do Jornal da Record exemplifica o quanto a parcialidade e a fragmentação da notícia podem fortalecer o desconhecimento em torno de um tema. Com duração de cinco minutos e vinte segundos, a

reportagem destaca a participação de mulheres e crianças nos conflitos na Faixa de Gaza. O Hamas é apresentado como um grupo que encoraja os palestinos a se sacrificarem como escudos humanos; uma associação extremista que age de forma irregular ao confrontar Israel por meio de táticas desumanas, e que tem como objetivo fazer com que a comunidade internacional culpe Israel pelas vítimas de Gaza.

Ao priorizar termos como *facções palestinas* e apropriar-se de um discurso unilateral, a reportagem não apresenta as raízes do conflito e não contextualiza o atual cenário histórico. Tampouco investiga os meandros do movimento, mas intensifica a ideia de que o mesmo é apenas um grupo terrorista. Esse comportamento reflete diretamente no papel midiático de muitos meios de comunicação, o de simplesmente atender a demanda do consumo de informação.

Os processos fragmentados de transmissão noticiosa quebram a lógica dos fatos entre si; estes são tomados no seu aparecimento imediato e perde-se a dimensão de uma totalidade que os subsuma e explique. Fragmentação, por outro lado, é acompanhada de imediatividade (MARCONDES FILHO, 2009, p. 113).

Nesse caso, o imediatismo na relação *tempo e espaço* auxilia a reportagem na generalização do assunto e no reforço de posições e opiniões, sem oportunizar e promover o debate democrático. Isto:

É a apresentação dos fatos como algo unívoco, fechado, somente positividade, sem contradições; não há ambivalência, mas a disciplina e a adaptação ao modelo; são – enquanto desmontagens do real – confirmações do esperado, formas que encobrem a dialética e qualquer penetração inesperada além do visível (MARCONDES FILHO, 2009, p. 81).

Vale ressaltar que o questionamento acerca da verticalidade dos meios de comunicação e da forma fragmentada com que a notícia é trabalhada na série de reportagens, não significa querer ou fazer apologia ao Hamas. Contudo, sugere-se que, independente de linhas ideológicas, o jornalismo revele a verdade sobre os fatos, e que os interesses institucionais e comerciais não ultrapassem a qualidade e seriedade da informação.

Enquanto a primeira reportagem conclui de imediato que o Hamas é a principal causa do conflito na Palestina, a segunda reportagem consegue intensificar a lógica do terrorismo basicamente pelo uso demasiado das imagens de bombardeios e explosões. A

reportagem de sete minutos de duração, fala sobre a cidade subterrânea construída pelo Hamas; um complexo clandestino, inicialmente utilizado para o contrabando de mercadorias, e que agora serve como meio de atacar Israel.

O Jornal da Record oportuniza o trabalho realizado pela equipe de reportagem. Com a série Terror em Gaza, a Rede Record torna-se a primeira emissora de televisão da América Latina a ter acesso a um desses túneis. Ao mostrar e personificar o Oriente Médio como cenário de guerras, revoltas e conflitos, o telejornal ajuda a concretizar a lógica do terror, até mesmo por conta de um triunfo do telejornalismo – a habilidade para trabalhar com imagens – que gera o efeito do “eu vi”, superior ao “eu li”.

Historicamente, é preciso esclarecer que o comportamento da ala militar do Hamas tem explicação na ocupação israelense naquele território. A provocação do conflito, que ocorre a partir da criação do Estado de Israel (1948), é, por exemplo, uma informação base para entender a hostilidade existente. Mas esta é uma informação que a reportagem não compartilha. Pelo contrário, oculta a informação e aborda o movimento como um grupo que simplesmente usa a própria população como escudos-humanos para traçar uma tática de guerra criminoso e brutal.

Apesar da imagem militante agressiva transmitida a muitas pessoas no Ocidente, o Hamas não é uma mera facção militar. Trata-se de uma organização política, cultural e social calcada em bases populares que possui uma ala militar separada especializando-se na resistência armada contra a ocupação israelense. Separados dessa ala militar estrategicamente secreta, todos os outros setores dentro do Hamas atuam em áreas públicas. A ala militar tem sua própria liderança e mecanismo de recrutamento (HROUB, 2008, p. 45).

A reportagem também não relata que a participação de civis no conflito resulta, em grande parte, da influência que o Hamas exerce entre as pessoas na Faixa de Gaza. Desde que venceu as eleições democráticas na Palestina, em 2006, o movimento tem conquistado seu próprio espaço político e social.

No aspecto sociocultural, o Hamas tem tido sucessos variados. Suas atividades sociais no centro dos acontecimentos, com a finalidade de auxiliar a população carente e fornecer apoio a centenas de milhares de palestinos, têm conquistado admiração e respeito (HROUB, 2008, p. 19).

A restrição de informação mostra “a notícia, tal qual se apresenta para o receptor, como forma ‘quebrada’ da realidade, como pedaço do real, de onde se abstrai somente o

fato específico que a originou” (MARCONDES FILHO, 2009, p. 79). Outro aspecto das primeiras reportagens que se apresenta como fator decisivo na construção e no sentido da notícia, é a escolha das fontes entrevistadas. Com isso, o posicionamento do repórter e do veículo parece ser definitivo.

As reportagens que falam do Hamas não entrevistam representantes do grupo, nem mesmo cidadãos palestinos. Não há explicações de estudiosos que representem os dois lados do conflito. Quase tudo é explicado por meio de depoimentos de autoridades e civis israelenses. Em direção contrária a um dos princípios do jornalismo, as reportagens não ouvem os dois lados da história; oportunizam apenas um dos envolvidos e atribuem ao opositor o direito de falar e opinar sobre o outro.

Nota-se, a partir disso, que o estranhamento, proposital ou não, que o jornalismo brasileiro enfrenta em relação aos temas orientais também é provocado e influenciado por questões que ultrapassam os limites da comunicação. São posições ideológicas e discursivas que abrangem o campo da Sociologia, da História e da Antropologia.

Orientalismo

A obra “Orientalismo: O Oriente como Invenção do Ocidente” (1978), de Edward W. Said é, nesse sentido, indispensável para a discussão. O trabalho do pensador está intimamente conectado ao discurso que o Ocidente constrói acerca do Oriente.

O orientalismo é um estilo de pensamento baseado em uma distinção ontológica e epistemológica feita entre “o Oriente” e (a maior parte do tempo) “o Ocidente”. Desse modo, uma enorme massa de escritores, entre os quais poetas, romancistas, filósofos, teóricos políticos, economistas e administradores imperiais, aceitou a distinção básica entre Oriente e Ocidente como ponto de partida para elaboradas teorias, épicos, romances, descrições sociais e relatos políticos a respeito do Oriente, dos seus povos, costumes, “mente”, destino e assim por diante (SAID, 1990, p. 14).

De acordo com Said, o ato de pensar, criar e discursar sobre o Oriente é o que se caracteriza como orientalismo. Neste conceito, o interessante é que muitos dos modos de perceber o Oriente se relacionam naturalmente com o método jornalístico de produzir informações a respeito do tema.

Portanto, “o que temos de respeitar e tentar apreender é a força nua e sólida do discurso orientalista, os seus laços muito íntimos com as instituições socioeconômicas e

políticas capacitantes, e a sua temível durabilidade” (SAID, 1990, p. 18). Essa compreensão nos oferece, mais uma vez, a dimensão dos interesses comerciais acerca da informação.

Através do orientalismo, as informações sobre o Oriente propagadas pelos meios de comunicação podem receber interferências não somente das implicações técnicas jornalísticas, mas igualmente do “grande aumento da importância do papel econômico e político dos americanos no Oriente Próximo (o Oriente Médio)” (SAID, 1990, p. 14).

O orientalismo pode ser discutido e analisado como a instituição organizada para negociar com o Oriente – negociar com ele fazendo declarações a seu respeito, autorizando opiniões sobre ele, descrevendo-o, colonizando-o, governando-o: em resumo, orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente (SAID, 1990, p. 15).

Dirigido por Sut Jhally, o documentário “O Orientalismo” (1998), sobre o trabalho e as ideias de Edward W. Said, mostra o próprio pensador afirmando que “o pensamento da mídia popular é basicamente que os muçulmanos são duas coisas: vilões e fanáticos. Como resultado disso, o lado humano do mundo árabe e islâmico é raramente mencionado”. A “consequência de tal falta são as imagens automáticas sobre terrorismo”³.

De acordo com esses argumentos, teria o Jornal da Record discurso orientalista? Por meio da conceituação de orientalismo, essa é uma resposta afirmativa; essencialmente pelo fato de que o orientalismo permite retratar o “outro” conforme “eu” o vejo. Diante dessa realidade, a postura do telejornal pode ser ampliada ao que se entende, na Antropologia, por etnocentrismo.

Etnocentrismo

A aproximação entre os dois fenômenos, orientalismo e etnocentrismo, ocorre pelo fato de que ambos consistem na apreensão da cultura do “outro” através dos termos da cultura do “eu”.

Etnocentrismo é uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência. No plano intelectual, pode ser visto como a dificuldade de pensarmos a diferença; no plano

³ Depoimento de Edward W. Said. Documentário: On Orientalism (1998).

afetivo, como sentimentos de estranheza, medo, hostilidade, etc (ROCHA, 1988, p. 5).

Incapaz de compreender, aceitar e respeitar as diferenças entre povos ou grupos, o etnocentrismo provoca a generalização dos fatos, o reducionismo cultural e o julgamento da realidade do *outro* enquanto prática desfavorável. Isto é, simplifica as diversidades históricas e sociais a um universo microscópico, que serve muitas vezes como referência para categorizar o conjunto de costumes e crenças de toda uma sociedade.

Tal comportamento é o que orienta grande parte da série jornalística em análise, em especial a terceira reportagem, de oito minutos e cinquenta e cinco segundos. A entrevista com Mosab Hassan Yousef⁴ sugere a identificação da religião islâmica com o terrorismo. Ao apresentar o jovem, a reportagem pergunta: “Quem é esse homem que renunciou ao terrorismo em nome da paz?”. A resposta vem logo em seguida: “um muçulmano que se converteu ao cristianismo”.

Por meio de discurso sectário, é possível perceber que as noções preconcebidas por muitos telespectadores sobre o Hamas, a Palestina e o islamismo, são confirmadas pela reportagem. Além disso, a insistência em torno da ideia de terror contribui para a reprodução e manutenção dos estereótipos e fortalece a crença de que aquilo que eles, telespectadores, já “conhecem” sobre o Oriente Médio é absolutamente verdade.

O Jornal da Record e os meios de comunicação em geral não teriam a função de contestar o conhecimento *acabado* a respeito desses temas, a ponto de oferecer outras interpretações que não fossem vinculadas somente ao terrorismo? Considerando que o Hamas é um movimento político, religioso, social e militar, por que a série Terror em Gaza não relata as variáveis do grupo?

Enquanto os interesses ideológicos e econômicos continuarem pautando e definindo de que lado um ou outro veículo está – especialmente na cobertura jornalística de conflitos –, o etnocentrismo possivelmente irá continuar fazendo parte do cotidiano midiático.

Os exemplos se multiplicam nos nossos cotidianos. A “indústria cultural” - TV, jornais, revistas, publicidade, certo tipo de cinema, rádio – está frequentemente fornecendo exemplos de etnocentrismo. No universo da indústria cultural é criado sistematicamente um enorme conjunto de “outros” que servem para

⁴Mosab Hassan Yousef é conhecido como Príncipe Verde: Príncipe porque é filho de um dos fundadores do Hamas e verde porque é uma das cores da bandeira da Palestina. Protagonista da biografia Filho do Hamas, 2010.

reafirmar, por oposição, uma série de valores de um grupo dominante que se auto-promove a modelo de humanidade (ROCHA, 1988, p. 9).

Nas duas últimas reportagens da série, o etnocentrismo parece tomar força e persistir no uso de imagens e informações que servem para sustentar atitudes em relação aos árabes e à sua cultura. Curiosamente, a quarta reportagem, com duração de quatro minutos e vinte segundos, fala da guerra de informação e mídia nos conflitos do Oriente Médio. Para a reportagem, o que existe entre Hamas e Israel é algo facilmente manipulado pelo grupo terrorista, pois o Hamas produz vídeos de propaganda para enganar a população e disseminar o ódio contra Israel.

De acordo com a quinta reportagem, a trégua entre ambos parece impossível, exclusivamente pelo fato de que se trata da guerra entre uma sociedade democrática, Israel, e uma organização terrorista, o Hamas. A última reportagem da série tem três minutos e cinquenta e dois segundos. Proporcionando estreita visão sobre o povo árabe-palestino e sobre o Hamas, as reportagens deixam de colaborar com a diversidade, humanidade e com a riqueza cultural e histórica daquelas pessoas. É um retrato vertical que se constrói de acordo com que o repórter sabe e entende do tema.

Percebe-se na série de reportagens que todo o contexto árabe e islâmico é colocado em posição inferior ao quadro judaico e israelense. A clara distinção entre os incluídos revela seguramente o posicionamento do jornal e indica a existência de parcialidade. Vale ressaltar que o desconhecimento a respeito de um tema, de uma sociedade e de uma cultura pode ter um efeito devastador na condução de uma reportagem. Nesse quesito, o saber antropológico pode auxiliar o jornalista.

Antropologia

Naturalmente, a Antropologia mostra-se pertinente porque é a ciência que oferece dimensões para compreender problemas etnocêntricos. O olhar antropológico democratiza a relação com diferentes culturas. A partir de conceitos humanos, culturais, dialéticos e raciais, a Antropologia busca suprimir estereótipos, valorizar cada cultura como ela realmente é e agir contra o senso comum e desmistificar suposições.

Em complemento ao jornalismo, entende-se que a ciência antropológica se concentra na capacidade de orientar o repórter não somente nos aspectos mais visíveis e lógicos para uma reportagem, como também nos fenômenos mais íntimos pertencentes à

cultura e à sociedade investigadas. Assim, a apropriação do repórter pela realidade do outro, poderia acontecer por meio do papel da Antropologia acerca da “visão do homem enquanto membro de uma sociedade e de um dado sistema de valores” (DaMATTA, 1987, p. 32).

Conforme análise, a ausência desta percepção antropológica é o que também fragiliza o conteúdo empregado na série. Isto significa que, ao contrário da constante afirmação das reportagens, grande parte da fidelidade dos civis palestinos ao Hamas não vem da vontade legítima de destruir Israel, e sim de aspirações ideológicas, políticas e religiosas que alimentam o pensamento desses mesmos cidadãos. Na verdade:

Existem duas razões que impulsionam os palestinos a se juntarem ao Hamas: a disposição do povo em se engajar ativamente na “libertação da Palestina” ao resistir à ocupação israelense, e tudo que isso possa requerer, *e* servir ao islã e difundir sua palavra. A conjunção “e” é essencial nesta frase e não pode ser substituída pela conjunção alternativa “ou”, embora o equilíbrio entre as duas razões não tenha necessidade de equivalência ou similaridade em todos os casos. O Hamas entende que seu poder se encontra nesta associação, a fusão fortalecida dessas duas linhas independentes do ativismo político palestino: o movimento secular de libertação nacional que tem confrontado Israel *e* o movimento religioso islâmico que não participa desse confronto. O pensamento desejado é o de que, numa luta pela libertação da Palestina, o indivíduo está servindo ao Islã, e, no fortalecimento do chamado islâmico, esse indivíduo serve à luta pela libertação do território (HROUB, 2008, p. 54).

Assim sendo, torna-se claro o quanto a série Terror em Gaza impõe uma visão unilateral ao telespectador sobre o conflito na Palestina. As reportagens omitem informações e apresentam os fatos determinados e sem vínculos históricos.

Considerações Finais

Investigar o jornalismo e seus meandros, consiste em conhecer as complexidades que contornam a apuração da notícia e o modo com que a atividade jornalística constrói realidades. No caso da série analisada, compreende-se que o Jornal da Record faz uso de técnicas jornalísticas – como imagens, texto, edição – e da própria parcialidade para conduzir a posição do telespectador mediante o assunto explorado.

O comportamento do telejornal é inegável quanto ao interesse em querer mostrar apenas um lado do conflito. Ao mesmo tempo em que age de tal forma, se distancia de variados aspectos sociológicos, históricos e antropológicos que poderiam qualificar e

democratizar as informações reportadas. Identifica-se claramente o desequilíbrio entre o que é mostrado e os processos históricos pertencentes àquela realidade.

Partindo, portanto, da concepção de que o Hamas e a Rede Record se encontram em cenários religiosos opostos, não seria relevante refletir também se a postura do telejornal é consequência desse atrito? O modo com que a religião islâmica é abordada na série, especialmente na terceira reportagem, não sugere a existência de um possível confronto ideológico e religioso?

Para responder, outras discussões são necessárias. No entanto, o que podemos afirmar é que a abordagem etnocêntrica das reportagens exclui a possibilidade do telespectador de adquirir outra visão do islã, da Palestina e do Oriente Médio. Além disso, o Hamas continua sendo um mero grupo terrorista sem fundamentos políticos, religiosos e ideológicos.

A permanência de estereótipos nas informações veiculadas já alerta para a obrigatoriedade do monitoramento dos telejornais. Porém, é necessário lembrar que a vigilância em torno dos conteúdos televisionados não tem o objetivo de controlar ou proibir, e menos ainda em fazer reverência ao tema abordado.

Referências Bibliográficas

DaMATTA, Roberto. *Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1987.

HAMILTON, Fernando Arteché. Monitorando Telejornais: Desafios e Perspectivas. In CHRISTOFOLETTI, Rogério, MOTTA, Luiz Gonzaga (org). *Observatórios de Mídia: Olhares da Cidadania*. São Paulo: Editora Paulus, 2008.

HROUB, Khaled. *Hamas: Um Guia Para Iniciantes*. Rio de Janeiro: Editora Difel, 2008.

JHALLY, Sut. *On Orientalism*: documentário, 1998.

Jornal da Record. *Conheça a equipe que faz o Jornal da Record*. <http://noticias.r7.com/jornal-da-record/conheca-a-equipe-que-faz-o-jornal-da-record-27052015>. Acesso em 21/05/2015.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Ser Jornalista*. São Paulo: Editora Paulus, 2009.

NAPOLEONI, Loretta. *A Fênix Islamista: O Estado Islâmico e a Reconfiguração do Oriente Médio*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2015.

PACHECO, Elza Dias. *Televisão, Criança, Imaginário e Educação*. Campinas, SP: Editora Papirus, 2009.

SODRÉ, Muniz. *O Monopólio da Fala: Função e Linguagem da Televisão no Brasil*. Petrópolis, RJ: Editora Artes Médicas, 1991.

Rede Record. *Record pelo Brasil afora*. <http://rederecord.r7.com/emissoras-record/record-pelo-brasil-afora/>. Acesso em 21/05/15.